



MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: UM REFLEXO DO NOVO E DO TRADICIONAL NAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS

ADRIELMA SILVEIRA DOS SANTOS
JONATHA VASCONCELOS SANTOS

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

Resumo

Esse *paper* analisa a juventude militante do movimento estudantil universitário da Universidade Federal de Sergipe/UFS, buscamos refletir a partir de uma discussão sobre identidade, redes de sociabilidade e repertórios organizacionais, as diferentes formas de socialização política dos jovens nesse espaço. Tal pesquisa foi iniciada em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, em linhas gerais ela busca compreender como o movimento estudantil universitário em Sergipe se organiza atualmente. A partir de observações participantes, conversas e questionários os resultados apontam para uma maior diversificação dos atores políticos e de suas redes de sociabilidade, contudo formas tradicionais, como alianças políticas partidárias influenciam as formas de ação estudantil.

Palavras chave: Movimento Estudantil; Socialização Política; Redes de Sociabilidade

Abstract

This paper analyzes the militant youth of the university student movement at the Universidade Federal de Sergipe / UFS, we reflect from a discussion of identity, social networks and organizational repertoires, the different forms of political socialization of young people in that space. This research began in 2014, the Graduate Program in Sociology of the UFS, in general it seeks to understand how the university student movement in Sergipe is currently organized. From participant observations, conversations and questionnaires the results point to a greater diversification of political actors and their social networks, yet traditional forms such as party political alliances influencing forms of student action.

Keywords: Student Movement; Political Socialization; Sociability networks

Introdução

Nas últimas décadas um conjunto de autores tem se atentado para a análise da participação política da juventude brasileira e como ela tem se transformado (ABRAMO, 1994a; BORELLI & OLIVEIRA, 2010; FORACCHI, 1972; MESQUITA, 2003; 2008, MISCHÉ, 1997; 2008; SOFIATI, 2008), de modo particular a essa comunicação, é interessante perceber a partir desses estudos, como a participação política dos jovens tem se diversificado e ganhado sentidos e motivações diferentes, por exemplo, desde as Diretas Já até as manifestações de 2013 (GOHN, 2013; TATAGIBA, 2014) os jovens foram atores determinantes nos desdobramentos de tais manifestações. Com a abertura política, por exemplo, foi possível aos jovens participarem de outros espaços de participação política. Alguns teóricos, nesse sentido, lançam mão de perspectivas relacionais para compreender de forma relacional e processual os múltiplos engajamentos dos jovens (MISCHÉ, 1997). A ideia de “campos relacionais” de Goldstone (2004) entende que o sistema político é formado por campos (partidos políticos, coletivos, movimentos sociais, sindicatos, etc.) que se relacionam. Essa perspectiva é interessante uma vez em que possibilita compreender como diferentes organizações políticas bem como os laços, conflitos e interesses se relacionam ou se convergem nos espaços políticos.

Em consonância com tais estudos e discussões, compreende-se que a militância política dos jovens em diversos espaços políticos, por exemplo, em partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, ONGs, coletivos, etc., tem se transformado e ganhado novos sentidos e práticas, principalmente a partir dos anos 2000 (MESQUITA, 2003; SOFIATI, 2008). Este trabalho, portanto, analisa a juventude militante do movimento estudantil universitário da Universidade Federal de Sergipe/UFS, buscando refletir principalmente as novas formas de participação e formas tradicionais que ainda se apresentam nesse espaço. A ideia de investigar tal militância é fruto de uma pesquisa ainda em desenvolvimento iniciada em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, tal pesquisa em linhas gerais busca compreender como o movimento estudantil universitário em Sergipe se organiza atualmente, tendo como marco temporal os anos 2000 até o primeiro semestre de 2015 e tendo como recorte espacial o campus central da UFS localizado na cidade de São Cristóvão.

Para compreender como se organiza a militância dos jovens estudantes e como essa militância se relaciona com questões mais gerais e específicas da condição não só de estudante, mas também de jovem na sociedade brasileira, este trabalho lança mão da análise de redes sociais, de repertórios organizacionais e de uma discussão sobre os processos de socialização (CLEMENS, 2010; MISCHKE, 1997; 2008; MESQUITA, 2003; SILVA & RUSKOWSKI, 2010; OLIVEIRA, 2010), analisamos as formas de sociabilidade de alguns grupos que se organizam no movimento estudantil. Compartilhando da concepção de Mesquita (2003) sobre movimento estudantil entendemos que não existe um movimento estudantil, mas movimentos estudantis que se organizam a partir de ideologias diferentes e tem dinâmicas de atuação, bastantes distintas dentro do espaço universitário. A partir de tal concepção tentamos apresentar e problematizar os espaços e redes de sociabilidades e os repertórios organizacionais utilizados pelos militantes de dois movimentos estudantis da UFS.

A metodologia utilizada focalizou na análise das redes de sociabilidade dos militantes, nos repertórios de organização do movimento e nas reivindicações defendidas (CLEMENS, 2010; MESQUITA, 2003; MISCHKE, 1997). Os métodos utilizados foram observação participante em eventos organizados pelos dois movimentos, como mesas redondas, assembleias estudantis, reuniões e debates; aplicação de questionários, com o objetivo de apreender os itinerários político e militante dos atores; e conversas informais com os militantes, o que permitiu apreender determinadas lógicas da organização desses movimentos, bem como apreender como os mesmos se relacionam com partidos políticos, movimentos sociais e outras organizações políticas.

Breve contextualização da participação política dos jovens brasileiros: um olhar sobre os militantes universitários

A participação política da juventude brasileira no movimento estudantil se inicia de forma organizada a partir do ano de 1901 com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros (CRUZ, 2012), tal entidade inicia o processo de luta e de organização nacional dos estudantes, com objetivo de aglutinar os interesses de todos os estudantes brasileiros, o que configurava um modelo de organização coletivo entre os jovens. Nesse período inicial da luta dos jovens no Brasil, três movimentos se destacaram: o Movimento de Arte Moderna, o Movimento Tenentista e o movimento Político-Partidário que possibilitou o surgimento do PCB (CRUZ, 2012; SOFIATI, 2008,). Tais eventos modificaram também as concepções que os jovens tinham sobre sua participação política, sobre a nação e o Estado: “Os grupos de jovens se formaram em torno desses movimentos e foram protagonistas de novas ideias, novas concepções de nação e de Estado” (SOFIATI apud BRAVO, 2004, p. 64).

Alguns estudos como o de Sofiati (2008), não ressaltam a criação da Federação como o início do movimento estudantil brasileiro, isso se daria só a partir do surgimento da União Nacional dos Estudantes. Entre o período de 1920 e 1950, segundo esse autor, os jovens protagonizam e se destacam em dois movimentos: a juventude integralista, que daria início ao movimento estudantil com a fundação da UNE e o movimento religioso em torno da ação católica (SOFIATI, 2008). Nesse período a ação dos jovens tinha, segundo o autor, como principal característica a solidariedade ao movimento classista e se destacavam também em projetos unificadores da nacionalidade (idem.).

Já nas décadas de 60 os estudantes protagonizaram novas lutas e foram influenciados pela força da ação católica e pela UNE. Organizados principalmente por meio dos partidos políticos, sindicatos e da ação católica por meio da Juventude Universitária Católica (JUC), a juventude do movimento estudantil se formava também a partir da juventude desses outros movimentos (SOFIATI, 2008; CRUZ, 2012). A direita, principalmente na década de 60 teve forte influência no movimento estudantil e nas entidades nacionais que representavam os estudantes, como a UNE e UBES (CRUZ, 2012).

O regime militar trouxe modificações profundas nas formas de participação políticas, com poucos espaços de atuação e de recursos disponíveis para se organizarem e reivindicarem suas demandas, os jovens que eram contra o regime se

organizavam através da Igreja Católica por meio do “Movimentos de Encontro” ou se organizavam de forma clandestina, nos movimentos de luta armada ou guerrilha (CRUZ, 2012; MISCHÉ, 2008; SOFIATI, 2008,). Como Clemens (2010) e outros autores (TARROW, 2009; TARROW & MCADAM, 2011) apontam, diante de mudanças no contexto político às oportunidades podem ser ampliadas ou ser mais limitadas para determinados grupos, diante disso, os recursos materiais, financeiros, humanos, etc., também se modificam. Os jovens, nesse período não poderia, por exemplo, ter múltiplos espaços de militância por que os meios de comunicação eram controlados pelos militares, determinados repertórios de ação eram considerados atos violentos e antidemocráticos, etc., portanto, nesse período uma das demandas que mais orientavam as reivindicações de parte da juventude era o fim da ditadura.

Vários trabalhos no Brasil analisam o movimento estudantil da década de 80, período em que começa o processo de redemocratização política do país e que se abre novos espaços de participação social e política para os jovens (MISCHÉ, 1997). Como mostra os trabalhos de Mische (1997, 2008), os jovens passam a ter múltiplos engajamentos políticos e passam a se articularem por meio das suas redes interpessoais, e é nesses diferentes espaços de participação política e de suas experiências em outras esferas de sua vida que os jovens vão construindo suas identidades (MISCHÉ, 1997). Como Sofiati (2008) e Mesquita (2003, 2008) destacam, os jovens não tem mais como referência os sindicatos, os partidos políticos e o movimento estudantil como os principais espaços de participação política, nesse período, portanto, os autores vão considerar que o movimento estudantil diferentemente das décadas de 60 e 70 passa por um processo de despolitização. E é a partir dessa autonomia em relação a essas organizações e a uma modificação na sua forma de participação política, sendo cada vez mais menos institucionalizada e burocrática, é que os jovens passam a se organizar por meio das Tribos Urbanas, como *Punks* e os *Darks* (ABRAMO, 2004).

Na década de 90, o que marca o movimento estudantil é a preservação da individualização dos jovens em suas reivindicações no interior do movimento em que participa (MISCHÉ, 2008). Nesse sentido, participar de um movimento social ou de outra organização política, não pode negar as diferenças, os interesses e concepções diferentes que possam existir entre os indivíduos, como Sofiati ressalta “A preservação da individualidade enquanto controle social é vista como legítima” (2008, p. 3). A literatura que analisa esse período ressalta como a juventude não ansiava por transformações e projetos revolucionários para a sociedade, tão pouco defendia demandas coletivas que excluíssem as individualidades dos jovens, o fazer política ganhava outro sentido nesse período “Fazer política, para esses jovens, não pode ser um ato que abafe a individualidade, pelo contrário, *o coletivo deve incorporar a forma de ser de cada um*” (SOFIATI *apud* SOUSA, 1999, p. 194, grifo da autora). Contudo, é importante lembrar que apesar dos jovens preservarem sua autonomia no interior do grupo, é nos grupos que eles ainda compartilham suas ideias e podem a partir desses grupos terem suas ideias reconhecidas.

Ainda na década de 90, podemos analisar a importância que as juventudes, de vários movimentos, tiveram no impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. Através, por exemplo, do movimento “Caras Pintadas” os jovens mais uma vez foram protagonistas de manifestações de rua, mas nunca sozinhos. Como mencionado anteriormente, é importante entender o sistema ou espaço político como um campo relacional, ou seja, tudo que estiver fazendo parte dele está relacionado. As manifestações a favor do impeachment do ex-presidente contaram com uma forte participação dos trabalhadores, sindicatos e outras organizações políticas também.

A juventude dos anos 2000, Sofiati (2008) coloca como uma juventude socializada. Apesar do autor não analisar outros espaços de socialização dos jovens, se restringindo apenas ao espaço religioso, é interessante como o mesmo caracteriza a juventude dos anos 2000, se levarmos em conta a diversificação dos coletivos, dos movimentos de juventudes ligados a cultura, religião, educação e política, além dos novos espaços de comunicação que implica em uma outra forma de participação política e de um outro tipo de sociabilidade dos jovens com relação a sua militância. De acordo com isso, muitas causas, reivindicações foram defendidas e construídas a partir desse período, sendo uma delas a causa do Transporte Público em todo país, como demonstrado em alguns trabalhos (GOHN, 2013, 2014; TATAGIBA, 2014), reivindicações bastantes específicas contra ações do governo como, corte de verbas para educação, gastos com eventos como a copa de 2014, além disso, nesse período houve várias greves dos estudantes, professores e técnicos administrativos nas universidades federais e em algumas regionais estaduais de todo país, se destacando as greves de, 2000, 2007 e as greves de 2012.

O movimento estudantil no Brasil, por algum tempo, se tornou o ator social principal das grandes manifestações, mobilizando grupos e outros movimentos sociais (MESQUITA, 2003). Como vimos anteriormente, teve seu auge principalmente na década de 60, a partir de um posicionamento que se colocava contra o Estado autoritário, mesmo que esta ação fosse censurada, segundo Mesquita (*idem.*) a imagem de um movimento ativo e participativo e sua importância foi cristalizada no imaginário social, principalmente no ano de 1968. O movimento estudantil, sem dúvida se constitui como um espaço importante de participação política e de sociabilidade dos jovens. É um espaço em que os jovens se engajam não apenas para reivindicarem demandas ligadas a educação ou a universidade, mais é um espaço

também em que esses atores lutam para reivindicarem e se posicionarem contras as mais diversas causas, desde a falta de saneamento básico nas periferias da cidade onde moram ao corte de verba para educação superior.

Nesse sentido é válido ressaltar a discussão de Foracchi (1972) quando a autora demonstra em seu estudo sobre a juventude na sociedade moderna como o espaço universitário é um espaço de contestação política, não apenas referentes às reivindicações ligadas a educação ou as dificuldades cotidianas dos estudantes nesse espaço, mas como o espaço da universidade é disputado e contestado por outras forças políticas bem como por uma série de demandas e reivindicações que atingem os jovens antes mesmo deles entrarem na universidade. Nesse sentido, o ingresso dos jovens na universidade é algo novo e confuso em suas vidas, é um momento desafiador para eles. A universidade, segundo a autora, representa para os jovens um lugar onde eles encontram pessoas com valores, jeitos e ideias semelhantes, onde buscam o mesmo objetivo e é onde tentam se opor a ordem vigente ou opositores comuns:

O ingresso na universidade e a participação na vida universitária representam uma situação social nova, na qual essa problemática é agudizada e orientada. Abrem-se horizontes de participação que são novos pelas oportunidades que o jovem encontra de conviver com outros que compartilham, envolvendo-se, assim, na busca comum das alternativas desejadas, criando compromissos semelhantes com a condição que, no momento, define as suas vidas e que é a condição de jovem (FORACCHI, 1972, pp.74 e 75).

A identidade de jovem não é anulada pela a condição de estudante universitário, as desigualdades sociais e os conflitos sociais vivenciados pelos jovens antes do seu ingresso na universidade, atingem a sua condição de estudante e as suas formas de participação nesse espaço. Como a autora coloca a inserção no espaço universitário trás oportunidades de participação, os jovens passam a conviver com pessoas que buscam alternativas para aquilo que desejam, sejam no âmbito econômico, moral, político, religioso, etc. Uma das formas de participação desses jovens é no movimento estudantil, o movimento estudantil se torna, portanto, um instrumento em que os jovens podem agir politicamente em defesa daquilo que os incomoda tanto no que diz respeito a suas questões individuais quanto àquilo que lhe incomoda coletivamente.

Como foi possível perceber analisando a participação política dos jovens nas últimas décadas, elas se transformam tanto por questões vinculadas as estruturas políticas, quanto por meio das subjetividades e das experiências de participação dos jovens em diferentes grupos políticos. Nesse sentido, Mische (1997) trás uma discussão interessante sobre a construção de identidades, e mas não apenas essa autora mais também outros autores compartilham da mesma concepção que a análise da identidade dos militantes devem ser analisadas de forma processual e relacional, observando como as diferentes esferas de suas vidas se correlacionam e influenciam suas ações no movimento que participam (SILVA & RUSKOWSKI, 2010). Segundo a autora podemos pensar a partir de três conceitos de identidade: identidade como reconhecimento; identidade como experimentação; e por fim, identidade como orientação. Estes três conceitos permitem conhecer como a formação da identidade do movimento bem como dos seus militantes, não se constrói de forma imediata mais se de forma processual, a partir das interações sociais. Esses conceitos são pertinentes para analisar, no caso do presente trabalho, As redes de sociabilidade, a participação política dos jovens e os repertórios organizacionais dos movimentos estudantis da UFS por que a discussão se faz de forma relacional, ou seja, não analisa as ações dos militantes de forma isolada de suas outras esferas de vida, visto o que, tanto a partir da literatura utilizada quanto de depoimentos dos militantes a questão do trabalho na vida de grande parte da juventude que milita se coloca como um dos entraves para a participação política mais efetiva tanto no movimento estudantil quanto em outros espaços.

No próximo tópico focamos em dois movimentos estudantis da UFS que disputaram as eleições do DCE de 2015, a saber, o Liberte-se e É Preciso Avançar, contudo reconhecendo que a análise desses dois movimentos reflete, mas não contempla todas as ações e participação política de movimentos estudantis que se manifestam na UFS.

Movimentos Estudantis: redes de sociabilidades dos jovens no espaço universitário e suas formas de participação política

Nessa sessão, tentamos problematizar e apresentar dois movimentos estudantis que disputaram as eleições de 2015 para o DCE. O objetivo principal desse tópico é mostrar como novas formas de socialização política estão emergindo no movimento estudantil da UFS, mas como Mesquita (2003) enfatiza, as formas tradicionais, ou seja, institucionalizadas e burocratizadas presentes no movimento estudantil ainda inibem novas ações. Além disso, buscamos problematizar as redes sociais e como a identidade desses dois movimentos pode ser analisada de forma processual e relacional, levando em consideração as experiências de vida de seus atores e das suas redes interpessoais.

Segundo Mesquita existem alguns tipos de movimento estudantil: os orgânicos, normalmente são ligados a algum

partido; os que expressão interesses temáticos, estudantes negros e executivas de curso, por exemplo; e os que têm organização de grupo e não tem vínculo partidário, como os casos dos independentes e os anarquistas. A pesquisa tem demonstrado que o tipo de movimento que mais se expressa na UFS são aqueles que têm alguma vinculação partidária, seja de forma direta, ou seja, quando o movimento é fruto da juventude partidária ou de forma indireta, quando os militantes não assumem que o movimento tem vínculo, mas a maioria dos seus membros são filiados, simpatizantes ou são orientados pela ideologia do partido. Com base nisso, consideramos os dois movimentos analisados como sendo dos tipos orgânicos, uma vez em que estes estabelecem relações diretas ou indiretas com determinados partidos políticos, sindicatos, frentes de esquerda, centrais sindicais, etc.

O Liberte-se se define como um grupo que é totalmente contrário às ideias de esquerda, o discurso dos militantes desse grupo é de que são contrários a qualquer forma de extremismos políticos-ideológicos, seja de direita ou de esquerda. Segundo alguns dos seus membros, o que o movimento defende e preza é pluralidade de pensamentos, tanto que segundo o militante J.R, argumentou em conversa que há militantes de esquerda, de direita, que participam da Juventude Conservadora de Sergipe, da organização Estudantes Pela Liberdade, enfim, tantos em relatos como em várias postagens na rede social online, Facebook, como em matérias de jornais eletrônicos que foram analisados, o movimento defende e busca se representar como um movimento que é plural em suas ideologias. Contudo, na prática e nos eventos propostos pelo movimento, observa-se pouca abertura para o diálogo com outros grupos estudantis, bem como o movimento não se articula com o Comando de Mobilização Estudantil da UFS, movimento que surgiu este ano (2015) e que tentam integrar entidades estudantis, Centros Acadêmicos, Executivas de Curso, movimentos e coletivos que militam na Universidade, Sindicatos, etc., reivindicando pautas como contra o corte de verba para educação e contra a maioridade penal.

Os motivos e o que originou o surgimento do Liberte-se ainda é controverso, percebemos isso em conversas com os militantes, mas uma das explicações é de que o movimento surgiu no segundo semestre de 2014 na UFS para disputar as eleições de 2015 do DCE. As redes sociais mobilizadas pelo movimento se assemelha com do movimento É Preciso Avançar, contudo as mesmas não se articulam, como por exemplo, alguns professores universitários que assumem que assumem que não dialoga com grupos de esquerda, a Juventude Conservadora de Sergipe e o com os Estudantes Pela Liberdade de Sergipe. Os espaços de mobilização do movimento, inicialmente é por meio das redes online, Facebook principalmente, e no espaço da UFS organizando mesas redondas e colando cartazes. De acordo com isso, percebemos que algumas pautas defendidas pelo grupo, são construídas a partir da socialização políticas que suas lideranças têm em outros espaços de militância, como nos movimentos já citados e em partidos políticos de direita.

Mudanças no contexto político, bem como a utilização dos novos meios de comunicação online como canal para a participação política, configuraram oportunidades políticas para que novos atores sociais surgissem ou ganhassem espaço nas disputas políticas existentes na UFS. A análise de Clemens (2010) sobre repertórios organizacionais é bastante pertinente, uma vez em que permite entender como os atores mobilizam um conjunto de modelos de organização que estão empiricamente disponíveis. Nesse sentido, percebemos que uma das estratégias do Liberte-se foi mobilizar os recursos e os modelos que estavam disponíveis a partir de um quadro de mudanças políticas e nos novos meios de comunicação, bem como a partir de redes de relacionamentos, como de amizade e acadêmicas que podiam ser acionadas para apoiá-los e legitimar suas ações na Universidade. Quando levamos em consideração a análise dos espaços de socialização política dos seus membros é possível compreender como seus repertórios de ação, suas pautas e suas concepções sobre participação política, democracia e Estado é fortemente influenciada pelo conservadorismo presente em alguns grupos com os quais o movimento se relaciona, como a Juventude Conservadora de Sergipe e por alguns ideias de partidos políticos de direita, além de outros movimentos que surgiram durante as manifestações de junho de 2013 e antes e depois das eleições de 2014, a saber o Movimento Brasil Livre e VemPraRua.

Como ressalta Mische (1997) é preciso compreender a construção de identidades, bem como a formação de um movimento de forma processual e relacional, observando a experiências pessoais e as redes interpessoais dos atores que integram o movimento. Nesse sentido, queremos chamar atenção de forma pouco aprofundada, que alguns militantes do Liberte-se participaram e militaram, chegando até ocupar cargos em movimentos de esquerda. Por exemplo, o militante J.R participou por um período curto de reuniões e debates políticos da UJC. Outro dado interessante é que grande parte dos militantes são do curso de Direito, isso nos chama atenção por que, tanto ao analisar os questionários quanto em observação participante, verificamos que a um engajamento significativo dos estudantes de direito tanto nos movimentos estudantis de esquerda quanto no Liberte-se que tem um caráter mais conservador e é totalmente contra as formas de organização dos movimentos de esquerda. Nesse sentido, alguns apoiadores políticos no curso de direito são mobilizados, tanto pelo Liberte-se quanto pelos movimentos estudantis que são orientados por correntes de esquerda, esses apoiadores políticos são professores, da própria UFS e estudantes da

pós-graduação que já foram engajados no movimento estudantil e que são inseridos em outros espaços de militância, como os partidos políticos e sindicatos.

Geração 80 e a influência no movimento estudantil atual

Como demonstra o trabalho de Joana D'Arc da Costa intitulado "Dos movimentos sociais às funções Institucionais: a consolidação de uma geração política em Sergipe", muitos dirigentes que atuam ou atuaram na política partidária de Sergipe passaram pelo movimento estudantil, secundarista e universitário. Nesse sentido, a autora revela como a geração de militantes do movimento estudantil universitário da década de 80, consolida parte do quadro dos dirigentes políticos de Aracaju, sendo eles políticos partidários, lideranças sindicais e lideranças de movimentos sociais. Um exemplo disso, pode ser observado a partir da trajetória de alguns políticos (a discussão das trajetórias não será aprofunda no presente trabalho) como Francisco dos Santos (Conhecido como Chico Buchinho), vereador de Aracaju, presidente do DCE, em 1980, vinculado ao PT, Marcelo Déda Chagas, presidente do DCE em 1981, deputado estadual, prefeito e governador de Sergipe, um dos fundadores do PT no Estado e Edvaldo Nogueira, presidente do DCE 1984, prefeito de Aracaju, vinculado ao PCdoB. A participação desses políticos no movimento estudantil da UFS, foi de suma importância para a consolidação de determinados modelos de organização, como também de causas defendidas pelos movimentos.

O cenário atual não se configura de forma tão distante das décadas anteriores, a presença de grupos vinculados ao PT, PCdoB, PCB, partidos que disputavam também os jovens no espaço universitário, também se apresentam atualmente, contudo a juventude do PCdoB e do PCB tem perdido espaço na universidade nos últimos anos, como relatado em alguns depoimentos: "A UJS está voltando a se organizar, acho que tem 5 membros, acredito que não é um bom momento para esse grupo voltar a se organizar na UFS, tendo em vista que o que parece é que os grupos existentes estão se unindo contra ela, uma vez que a participação desse grupo durante a gestão do DCE deixou sérios problemas no movimento estudantil" afirma Militante.

As transformações ocorridas no movimento estudantil universitário visualizadas por alguns autores, como também por nós especificamente nos movimentos estudantis na UFS, diz respeito as formas alternativas, ou seja, coletivos, militantes independente, ação não institucionalizada, formas de organização horizontais, etc. que surgem a partir dos anos 2000 em oposição aos modelos institucionalizados e burocratizados que não contemplam e não reconhecem as necessidades atuais e as particularidades dos jovens estudantes. A diversificação nas formas de organização dos estudantes no espaço político da universidade é notável, a partir da existência de vários coletivos de gênero, de cultura, racial, de mulheres, partidários, etc., mas ainda as formas institucionalizadas e tradicionais de um movimento estudantil que era mais característico da década de 80 e 90 permanecem ainda muito presente, nos movimentos estudantis da UFS.

Os militantes que participam do movimento "É Preciso Avançar", que comandava a direção do DCE desde o ano de 2014 quando utilizava o nome "É Preciso Acordar" e tinha como presidenta a representante estadual da UNE e a coordenadora nacional do Levante Popular da Juventude, um dos maiores movimentos de juventude do Estado, que atua nacionalmente, já tinham uma militância tanto na universidade quanto em outras organizações políticas. Atualmente quem preside o DCE é o ex-secretário geral da gestão de 2014, que também participa do Levante Popular da Juventude. Durante o período eleitoral houve uma campanha por parte dos militantes do LPJ, como também dos dirigentes e militantes do DCE, além de outros grupos políticos e militantes independentes, a campanha que foi chamada de "Frente Universitária Pró-Dilma, criou um calendário de atividades em que os militantes fariam panfletagens na UFS e nas faculdades particulares das cidades, além disso, houveram também debates. O telefone para contato disponibilizado no calendário de atividades era do ex-secretário geral da gestão do DCE de 2014, que como mencionamos anteriormente é o atual presidente da entidade.

Só podemos compreender as redes, as pautas, os repertórios e os modelos de organização desse grupo, se analisarmos os espaços que as suas lideranças e seus militantes estão inseridos, pois como Mische (1997) aponta a identidade de um movimento é construída de forma processual e relacional. A identidade como reconhecimento segundo Mische (1997) "são as qualidades agregadas de categorias sociais, como classe, gênero, raça, ou nacionalidade". Em uma observação participante, em um debate entre o "É Preciso Avançar" e "O Liberte-se", antes das eleições 2015 para o DCE, a ex-presidente da entidade ressaltou várias vezes em sua fala a sua origem social, filha de empregada doméstica, oriunda de escolhas públicas, usuária do transporte público e negra. A sua condição social era para legitimar as reivindicações e pautas priorizadas por sua gestão, que eram basicamente as seguintes: maior assistência aos residentes, contra a violência de gênero e de sexo, o fim do programa bolsa trabalho uma vez que os estudantes acabam trabalhando como técnicos administrativos, etc.

Com relação a isso, quando observamos as experiências prévias e os múltiplos engajamentos que as lideranças do

movimento tem permite perceber como a dinâmica do movimento é influenciada – mesmo tendo aspectos novos que foge a regra tradicional – por outros grupos políticos. Grande parte dos militantes do “É Preciso Avançar” antes de entrar no movimento, já tinha uma militância prévia em um dos grupos que está no esquema ou tiveram o seu primeiro engajamento no movimento estudantil e posteriormente começou a militar em outros movimentos do ciclo de apoiadores do “É Preciso Acordar”, a maioria participam do LPJ, do PT, de Coletivos de Gênero e de Cultura, do Movimento Sem Terra, etc., a influência e socialização dos militantes nesses outros espaços se manifesta de forma muito clara nos repertórios de ação que os mesmos utilizam bem como nas pautas que defendem.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo apresentar e problematizar as novas e as tradicionais formas de socialização política dos movimentos estudantis da UFS, para tanto buscamos analisar por meio dos conceitos de identidade, de redes de sociabilidade e de repertórios organizacionais dois movimentos que atuam na Universidade o É Preciso Avançar e o Liberte-se, esses dois movimentos se configuram como casos que refletem tanto as formas alternativas como as tradicionais presentes no movimento estudantil representado, por exemplo, pela UNE. Como apresentado no decorrer do artigo o Liberte-se se representa como um movimento plural e sem vinculações partidárias, avessos a extremismos político-ideológico e sem uma organização fechada, burocrática e institucionalizada, sua representação cabe naquilo que alguns autores têm chamado de formas alternativas (MESQUITA, 2003; MISCHÉ, 1998). No entanto, as estratégias de mobilização de recursos e de articulação dentro da universidade, bem como as redes de sociabilidade das lideranças do movimento quando observadas e analisadas revelam que formas consideradas tradicionais pela literatura, ou seja, vinculação com partidos políticos e institucionalização, são ainda formas de organização que persistem no movimento estudantil, uma vez em que outras organizações políticas, como os partidos políticos e centrais sindicais, disputam e influenciam a ação dos movimentos estudantil no espaço universitário.

Ressaltando que o artigo é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento os resultados ainda são parciais, mas que já são propositivos para entender como as redes de sociabilidade e os repertórios organizacionais dos dois movimentos analisados, se diferenciam e tal diferenciação pode ser explicada tanto a partir das experiências pessoais de suas lideranças como a partir das relações entre essas e determinados agentes políticos dentro e fora da universidade, como professores universitários, técnicos administrativos e políticos partidários. Enquanto que grande parte dos militantes do É Preciso Avançar foram ou são socializados politicamente em espaços de discussão política do Levante Popular da Juventude, da CUT, do PT, do MST, etc., os militantes do Liberte-se, são socializados em espaços de discussão da DEM, Juventude Conservadora de Sergipe, Estudantes Pela Liberdade de Sergipe, Movimento Brasil Livre, etc., é preciso ressaltar que essa socialização não se dar da mesma forma para todos os militantes do grupo, contudo a inserção das suas lideranças ou dos membros do movimento em outros espaços possibilita a circulação e incorporação de determinadas formas de ação, bem como de ideologias que são aderidas e enquadradas pelo movimento são reproduzidas através da ação estudantil no espaço universitário.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasil de Educação, N° 07, 1997.
- COSTA, Joana D’Arc. **Dos movimentos sociais às funções Institucionais**: a consolidação de uma geração política em Sergipe. Natal: PPGCS/UFRN, 2009 (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). PPGCS/Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte-Natal, 2009.
- CLEMENS, Elisabeth S. **Repertórios organizacionais e mudança institucional**: grupos de mulheres e a transformação da política nos EUA, 1890-1920. RBCPed3artefinal.indd, 12/04/2010.
- CRUZ, José de Souza. **Da Autonomia À Resistência Democrática**: Movimento Estudantil, Ensino Superior e a Sociedade Em Sergipe, 1950-1985. [Tese de Doutorado em História]. Salvador: PPGH/UFBA, 2012.
- FORACCHI, M. M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.
- GOHN, Maria da Glória. Sociologia dos Movimentos Sociais. Ed. 1.- Cortez, 2013.
- GOLDSTONE, J. A. More social movements or fewer? Beyond political opportunity structure to relational fields. In: Theory and society, v. 33, p. 333-365, 2004.
- MCADAM, Doug, TARROW, Sidney. “Movimentos Sociais e Eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação”. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, Pag. 18-51.
- MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos, Redes de jovens e participação política**. Mai/Jun/JOun/Ago 1997 N°5 Set/ut/Nov/Dez 1997 N°6 pag.134-150

_____. **Partisan Publics: communication and contention across Brazilian youth activist networks.** Princeton Studies in Cultural Sociology, 2008.

OLIVEIRA, W. J. F. de.. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, p. 49-77.

SILVA, M. K. & RUSKOWSKI, B. de O. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 23-48.

SOFIATI, Flávio M. (2008) A juventude no Brasil: história e organização. **Passages de Paris** (APEB-Fr), v. 2008, p. 1-14.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político.** Petrópolis, Vozes, 2009.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre o Ciclo de Protestos e Democracia no Brasil. **Política & Sociedade- Florianópolis** –Vol. 13- Nº 28-Set./Dez.de 2014.

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, membro do LEPP/UFS (Laboratório de Estudos do Poder e da Política), Sociologia. Email: adrielmac.s@gmail.com

Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, membro do LEPP/UFS (Laboratório de Estudos do Poder e da Política), Sociologia. Email: vasconcelos.jonatha@globomail.com

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: